

carvões que haviam levado. O forte peso sobre o corpo os acordou mais cedo que habitualmente acordavam. Procuraram nos bolsos e não puderam acreditar nos próprios olhos, quando viram que os bolsos não estavam cheios de carvão, mas de ouro maciço. E os seus cabelos tinham renascido, assim como as barbas.

Tinham se tornado ambos homens ricos, mas o ourives, ganancioso por natureza, se tornara duas vezes mais rico do que o alfaiate. O ganancioso, mesmo quando tem muito, quer mais ainda. Assim, o ourives propôs ao alfaiate voltarem à casa dos anões e tirarem ainda mais dos milagrosos carvões que viravam ouro. O alfaiate rejeitou a proposta, dizendo:

— Já tenho bastante dinheiro. Estou satisfeito. Agora, posso ter a minha própria alfaiataria e casar-me com meu objeto amado (assim se referia à namorada). Sinto-me perfeitamente feliz.

À tarde, o ourives pôs duas mochilas nas costas, para poder carregar muito carvão, e partiu para a montanha. Encontrou, como na noite anterior, os anõezinhos cantando e dançando, e o velho raspou sua cabeça e fez-lhe sinal para levar algum carvão. Ele tratou de encher as mochilas até as bordas e, chegando à estalagem, cobriu-se com o casaco, como na véspera.

“O ouro é, realmente, muito pesado, mas terei o maior prazer em carregá-lo” pensou, antes de adormecer profundamente, certo de que acordaria no dia seguinte um homem riquíssimo.

Quando abriu os olhos, apressou-se em examinar os bolsos, mas só encontrou carvões.

Procurou consolar-se, pensando: “O ouro que ganhei ontem à noite ainda me resta.” Mas a sua decepção foi terrível, quando viu que ele também voltara a ser carvão. E verificou que também tornara a ser careca, além de imberbe. Seu infortúnio, porém, não ficou só nisso. Além da corcunda que carregava nas costas, carregava uma outra no peito.

Compreendendo que fora punido pela sua ganância, pôs-se a chorar alto. O alfaiate, que ele acordou com os seus soluços e lamentos, procurou consolar o seu companheiro de viagem, e disse-lhe:

— Temos viajado juntos há muito tempo e não iremos nos separar agora. Compartilharás minha riqueza.

Já foi um consolo para o ourives, que teve, contudo, de carregar pelo resto da vida as protuberâncias no peito e nas costas, além de ter de andar constantemente com um gorro, para esconder a careca.

93.

## PELE DE URSO

Era uma vez um jovem que se engajou como soldado, portou-se com bravura, desafiando corajosamente a morte na linha de frente. Ficou bem enquanto a guerra durou, mas, quando terminou, ele teve baixa e seu capitão lhe disse que poderia ir para onde muito bem quisesse.

Sendo órfão e já não tendo um lar, o ex-soldado foi procurar os irmãos e pediu-lhes que o acolhessem, até que fosse declarada outra guerra. Os irmãos, porém, não tinham bom coração e lhe disseram:

— O que vamos fazer contigo? Trata de arranjar um meio de vida!

O soldado não ficara com coisa alguma, a não ser uma espingarda. Pô-la no ombro e saiu pelo mundo, em busca de oportunidades ou aventuras.

Um dia, chegou a uma vasta charneca, na qual nada se via, além de algumas árvores que formavam um círculo. Sentou-se à sua sombra e começou a refletir sobre o seu destino: “Não tenho dinheiro, não aprendi outro ofício além do de combater, e agora que fizeram a paz, já não tenho aonde ir. Estou vendo que tenho de morrer de fome.”

Ouviu, então, um ruído e, quando levantou os olhos, viu diante de si um homem que vestia um casaco verde e era alto e robusto, mas com um pé horrível, fendido como o dos animais.

— Já sei do que estás precisando — disse o homem. — Terás ouro e muitas outras coisas de valor, para fazer o que quiseres, mas primeiro tenho de saber se és intrépido, para que eu não gaste o meu dinheiro em vão.

— Como podes imaginar um soldado medroso? — replicou o outro. — Experimenta.

— Muito bem! — disse o homem do casaco verde. — Olha para trás.

O soldado olhou, e viu um urso muito grande, que caminhava, rosnando, em sua direção.





— Ei! — gritou o soldado. — Vou fazer uma cócega em teu focinho, para que percas essa mania de rosnar.

Mirou e disparou um tiro. O urso caiu e nem se mexeu mais.

— Estou vendo que não te falta coragem — disse o homem do casaco verde. — Mas ainda há uma condição que tens de satisfazer.

— Só se tal condição não prejudicar a minha salvação — retrucou o soldado, que sabia muito bem com quem estava conversando. — Se prejudicar, não é comigo.

— Tu mesmo resolves — disse o homem do casaco verde. — Nos próximos sete anos, não poderás tomar banho, nem cuidar da barba e do

cabelo, nem cortar as unhas, e nem uma vez sequer rezar o Padre-Nosso. Eu te darei um casaco e uma capa que, durante aquele tempo, terás de usar. Se morreres durante esses sete anos, serás meu. Se continuares vivo, ficarás livre e rico, para viver à tripa forra o resto da existência.

O soldado pensou na séria situação em que se encontrava, e, como estava muito acostumado a enfrentar a morte, resolveu arriscar-se, e concordou com a proposta.

O Diabo tirou o seu casaco verde e entregou-o ao soldado, dizendo:

— Este será o teu casaco e, quando meteres a mão no bolso, sempre o acharás cheio de dinheiro.

Depois, arrancou a pele do urso e disse:

— Esta será a tua capa e também a tua cama, pois em nenhuma outra cama poderás dormir. E, por causa destas vestes, serás chamado Pele de Urso.

O soldado vestiu o casaco, enfiou logo a mão no bolso, constatou que o Capeta não mentira. Vestiu a pele de urso, e saiu pelo mundo gastando dinheiro à vontade. Durante o primeiro ano, o seu aspecto ainda era tolerável, mas, no segundo, seu aspeto era de um monstro. Metia medo a todos que o viam. Como, porém, dava o dinheiro aos pobres a fim de que rezassem para que ele não morresse antes de se passarem sete anos, e pagava regamente, ainda conseguia hospedagem.

No quarto ano, com os cabelos quase escondendo o rosto, as unhas parecendo garras de animais selvagens, a barba hirsuta, a imundície o cobrindo dos pés à cabeça, entrou em uma estalagem, mas o dono lhe negou pousada, mesmo na estrebaria, pois tinha medo de que os cavalos se espantassem. À vista, porém, das moedas de ouro que ele mostrou, o estalajadeiro permitiu que ele pernoitasse em um terreiro. Teve, porém, de prometer esconder-se, não permitir que ninguém o visse, para que o estabelecimento não ficasse desmoralizado.

Sozinho, desejando ardentemente que se passassem os sete anos, Pele de Urso ouviu gemidos profundos vindos do quarto vizinho. Como tinha um bom coração, abriu a porta, e viu um velho soluçando, contorcendo as mãos. Pele de Urso aproximou-se, mas o velho, ao ver o seu horrível aspecto, levantou-se e tentou fugir. Afinal, quando percebeu que Pele de Urso tinha a voz humana, tranquilizou-se um pouco.

Com boas palavras e gestos amistosos, Pele de Urso conseguiu fazer com que o velho revelasse a causa do seu sofrimento. Empobrecera a tal ponto,



que ele e suas filhas estavam quase morrendo de fome, e estava ameaçado de ser preso por causa de suas dívidas. E sendo obrigado a viajar, não podia pagar a hospedagem.

— Se é somente isso que vos atormenta, posso facilmente te valer — disse Pele de Urso. — Dinheiro é o que não me falta.

Mandou chamar o estalajadeiro, pagou a hospedagem do velho, em cujo bolso meteu uma bolsa repleta de ouro.

Vendo-se livre de suas preocupações, o velho disse não saber como mostrar a sua gratidão.

— Vem comigo — disse depois a Pele de Urso. — As minhas filhas são lindíssimas. Escolhe uma delas para ser tua esposa. Quando elas souberem o que fizeste por mim, não te recusarão. Na verdade, o teu aspecto é um tanto estranho, mas tua mulher o mudará em pouco tempo.

Pele de Urso concordou em acompanhá-lo.

Quando a filha mais velha o viu, deu um grito de horror e fugiu correndo. A segunda não fugiu. Depois de examinar o candidato da cabeça aos pés, disse:

— Como poderei aceitar como marido quem já não tem a forma humana? O urso que foi exibido aqui como se fosse homem seria muito preferível. Pelo menos, vestia uma farda de hussardo e calçava luvas brancas.

A caçula, no entanto, disse:

— Meu pai, ele deve ser um homem bom, por ter te ajudado, e se lhe prometeste uma noiva, a promessa deve ser cumprida.

Foi uma pena que o rosto de Pele de Urso estivesse coberto de cabelo e de sujeira, pois do contrário os outros teriam visto como ficou feliz ao ouvir essas palavras.

Ele tirou um anel do dedo, partiu-o em dois e deu a metade à jovem, ficando com a outra metade. Depois, escreveu seu nome na metade da jovem e o nome dela na sua. Pediu-lhe, então, que guardasse cuidadosamente aquela metade do anel, explicando:

— Ainda tenho de vagar pelo mundo durante três anos e, se no fim desse tempo, eu não voltar, ficarás livre. Mas pede a Deus que eu não morra.

A pobre noiva prometida passou então a andar vestida toda de preto, e, quando pensava no futuro noivo, não continha as lágrimas. Isso só provocava nas irmãs desprezo e zombaria.

— Toma cuidado — dizia a mais velha — quando lhe deres a mão! Do contrário, ele é capaz de furá-la com as suas garras!

— Cuidado! — repetia a segunda. — Os ursos gostam de coisas doces, e é bem capaz de devorar-te.

— Deves fazer tudo que ele quiser, senão ele vai rosnar — implicava a mais velha.

— Mas o casamento deve ser muito divertido, pois os ursos sabem dançar muito bem — completava a segunda irmã.

A noiva se mantinha em silêncio, não respondendo às provocações das irmãs.

Enquanto isso, Pele de Urso viajava pelo mundo, fazendo o bem sempre que tinha oportunidade e distribuindo generosamente esmolas aos pobres para que rezassem por ele.

Afinal, no dia em que completava o prazo de sete anos, ele voltou à charneca e sentou-se no círculo formado pelas árvores. Pouco depois, o vento começou a assobiar, e o Diabo surgiu diante dele e, encarando-o, com uma raiva imensa refletida no rosto, atirou-lhe o velho casaco que lhe tomara e pediu o seu casaco verde.

— Ainda não — replicou Pele de Urso. — Primeiro, tens de me limpar.

Satisfeito ou não, o Diabo teve de ir buscar água, e lavá-lo, fazer-lhe a barba, pentear-lhe o cabelo e cortar-lhe as unhas. Depois disso, não houve mais Pele de Urso, mas um bravo soldado, muito mais bonito do que fora antes.

Pouco resignado diante da humilhação da derrota, o Diabo tratou de sumir logo, e Pele de Urso entrou na cidade, vestiu um magnífico casaco de veludo, entrou em uma carruagem puxada por quatro cavalos brancos e dirigiu-se à casa da noiva. Ninguém o reconheceu. O pai da jovem pensou que se tratava de um ilustre general e levou-o para a sala onde se encontravam suas filhas.

Ele teve de sentar-se entre as duas irmãs mais velhas, que não se cansavam de agradá-lo, servindo-lhe os melhores pratos do jantar e pensando que nunca tinham visto um homem mais elegante e mais bonito. A noiva, por outro lado, estava sentada em frente dele, calada e triste, sem sequer levantar os olhos.

Quando o ex-Pele de Urso perguntou ao pai das jovens se lhe daria a mão de uma de suas filhas, as duas mais velhas levantaram-se e correram para o seu quarto, a fim de porem os vestidos mais caros e mais bonitos.

Logo que se viu sozinho com a noiva, o visitante ofereceu-lhe um copo de vinho, no qual, sub-repticiamente, havia deixado cair a metade do anel que trazia consigo. A jovem bebeu o vinho, e, quando encontrou o pedaço do anel, seu coração começou a bater aceleradamente. Ela pegou a metade que guardava, presa a uma fita em torno do pescoço, e juntou as duas metades, que se ajustaram perfeitamente.

E ele disse, então:

— Sou teu prometido noivo, que conhecestes como Pele de Urso, mas que, graças a Deus, recuperou a forma humana.

Levantou-se então, tomou a jovem nos braços e beijou-a. Nesse momento exato, as outras irmãs voltaram à sala, usando as suas vestes mais ricas. Ao ver que o elegante e bonito homem que tanto as entusiasmara, escolhera a caçula, e tendo sabido que ele era nada mais nada menos que Pele de Urso, foram tomadas de tanta inveja e tanto ódio, que fugiram correndo, desorientadas.

Uma delas caiu no poço e morreu afogada. A outra enforcou-se em uma árvore.

À noite, bateram na porta da casa e, quando o noivo foi abri-la, viu o Diabo, vestindo o seu casaco verde.

— Estás vendo como são as coisas? — disse ele. — Consegui levar para o inferno duas almas, em vez de uma só!

94.

## PARCERIA DE GATO E RATO

Era uma vez um gato que travou conhecimento com um camundongo, e tanto o elogiou e exaltou a amizade que tinha por ele, que afinal o camundongo concordou que poderiam dividir as despesas, morando juntos.

— Teremos, porém, de fazer provisão para o inverno, pois, do contrário, poderemos passar fome — decidiu o gato. — E tu, ratinho, não podes te aventurar por toda a parte, senão acabarás sendo apanhado por alguma armadilha.

A sugestão foi aceita, e compraram uma porção de toucinho. Não tinham, porém, lugar onde guardá-la. Afinal, depois de pensar muito sobre o caso, o gato decidiu:

— Não sei de lugar melhor para guardar o toucinho que a igreja, pois lá ninguém se atreverá a furtá-lo. Vamos escondê-lo atrás do altar, e só o buscaremos quando estivermos realmente precisados.

A caixa de toucinho foi, assim, colocada em segurança, mas não passou muito tempo, e o gato foi sentindo uma vontade enorme de comer toucinho.

Disse, então, ao camundongo:

— Pois é isso, amigo rato. A minha prima deu à luz um gatinho muito bonitinho, branco, com pintas amarelas, e me convidou para ser seu padrinho. Assim, tenho de levá-lo à pia batismal. Permite, pois, que eu me afaste por um dia e tomarás conta da casa, e farás o que é preciso.

— Pois não, pois não, amigo Bichano — replicou o rato. — E se no batizado tiver alguma coisa gostosa que possas me trazer, ficarei muito satisfeito.

Toda aquela conversa do gato, porém, era mentira. Ele não tinha prima alguma, ninguém o convidara para ser padrinho. Saindo de casa, ele foi